



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO
E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

OS DESAFIOS DO AUTISTA

NO COTIDIANO ESCOLAR

EVALDO ALVES DA SILVA

ORIENTADORA: LUCIA DE CARVALHO BRANDÃO

BRASÍLIA/2011



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



IVALDO ALVES DA SILVA

OS DESAFIOS DO AUTISTA

NO COTIDIANO ESCOLAR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão, da Faculdade UAB/UNB - Pólo de Santa Maria. Orientadora: Professor Lucia de Carvalho Brandão

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

EVALDO ALVES DA SILVA

OS DESAFIOS DO AUTISTA

NO COTIDIANO ESCOLAR

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 16/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

LUCIA DE CARVALHO BRANDÃO

RIANE NATALIA SOARES VASCONCELOS

EVALDO ALVES DA SILVA

BRASÍLIA/2011

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha querida esposa e a meu
filho que abdicaram de minha presença
nas incontáveis noites de estudo.

AGRADECIMENTOS

Foram muitos, os que me ajudaram e a quem dedico meu carinho...

A todos meus sinceros agradecimentos:

...a Deus, pois sem sua ajuda nada seria possível;

...a minha família pelo amor e carinho dedicado ao longo da minha vida nos
momentos de alegria e tristeza;

...e a todos que estiveram comigo ao longo da caminhada dividindo aflições, medos,
incertezas, e agora a alegria da conquistas.

RESUMO

Com este estudo objetivou-se analisar as ações pedagógicas da sala de aula e da sala de recursos que contribuem para interação social de alunos com autismo, inclusos em uma escola da rede pública do DF. Para alcançar tais objetivos foi utilizada uma pesquisa de campo empírica. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas mista com um grupo de professores do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública do Distrito Federal. Os dados coletados foram submetidos a uma análise qualitativa. Os resultados apontaram para necessidades da formação pedagógica continuada dos docentes e também para crescente aceitação da inclusão como processo social. Ainda explicitaram que as estratégias pedagógicas utilizadas pelos docentes são o principal instrumento de interação social de alunos autistas no ambiente escolar

Palavras-chave: Autismo, Docentes, Ações pedagógicas.

SUMÁRIO

RESUMO.....	V
APRESENTAÇÃO	9
I-FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
1. INCLUSÃO	12
1.1 ASPECTOS LEGAIS.....	13
1.2 CONHECENDO O AUTISMO	16
1.3 RELAÇÕES SOCIAIS E O AMBIENTE ESCOLAR	18
2-CONSTRUINDO UM CURRÍCULO REAL	18
2.1 COMUNICAÇÃO PROFESSOR - ALUNO	20
II- OBJETIVOS	22
2.1 OBJETIVOS GERAIS.....	22
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	22
III- METODOLOGIA	23
3.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	23
3.2 CONTEXTO DA PESQUISA	23
3.3 PARTICIPANTES.....	24
3.4 MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS	24
3.5 INSTRUMENTOS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS	25
3.6 PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS.....	25
IV- RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
V- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

APÊNDICES	38
A - Questionário	38
ANEXOS	39
A- Carta de Apresentação – Escola	39
B -Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-Participantes/ nomes fictícios.....	24
Quadro 2-Descrição do perfil dos participantes.....	26

APRESENTAÇÃO

Considerando a função social da escola de promover ambientes escolares democráticos e de respeito aos direitos humanos, faz-se necessário oportunizar vivências pedagógicas que contribuam para que a inclusão aconteça de forma convincente, promovendo uma articulação dos familiares e comunidade, de forma que aconteça uma integração com a sociedade. A educação nas escolas inclusivas deve ser vivenciada individualmente na sala de recursos e na sala de ensino comum, favorecendo a sociabilidade, porque incluir é aprender junto.

Uma sala de recursos precisa ser simples, sem muitos objetos para que não haja estímulo em demasia. Neste ambiente, o aluno recebe uma educação individualizada, específica, com ênfase na mudança de alguns comportamentos e aprendizado de outros. É importante não tentar muitas mudanças ao mesmo tempo, pois o aprendente precisa visualizar somente os materiais ou os brinquedos que irá trabalhar, para que haja maior concentração possível, principalmente tratando-se de indivíduo com autismo.

Entretanto, em um primeiro momento, o professor deve observar quais objetos ou atividades que o atraem mais, para usá-los nas tarefas. É normal a criança autista sentir-se desconfortável e intimidada em um ambiente novo, como o da escola. É normal buscar apoio nas coisas ou nos movimentos que a atraem, mantendo-se permanentemente concentrada neles, esquecendo de todo o resto. É normal a birra quando alguém a contraria é normal o medo e a raiva ganharem proporções traumática. Para um aluno com autismo, a princípio, o que importa não é tanto a capacidade acadêmica, mas sim a aquisição de habilidades sociais e autonomia.

A rotina de aprendizagem pode ser uma ferramenta prática educativa em que o estímulo saudável para a vida diária traz a confiança e pode abrir oportunidades para novas habilidades. A criança típica aprende o que é as coisas, sua função e seu nome, podendo ela, por exemplo, desenhar ou simbolizar um barco, mas a criança autista possui dificuldades para reconhecer as utilidades de certas coisas, simbolizar e nomear cabe ao educador promover atividades que estimulem a

imaginação e a criatividade; como: copiar e recopiar desenhos, inserindo sempre modificações, utilizar materiais pedagógicos com diferentes combinações de execução ou contar e recontar histórias, modificando-as continuamente, nos casos em que há a comunicação verbal.

Assim essa pesquisa justifica-se pela intenção de desvendar a rotina do ambiente escolar inclusivo relativo ao trabalho pedagógico com alunos com autismo, assim como desvelar as estratégias que colaborem na sua comunicação e interação com o meio social. Portanto espera-se desenvolver uma pesquisa que forneça conhecimentos que esclareça e indique soluções aos desafios enfrentados e levante os avanços para sanar as dificuldades apresentadas por estes alunos durante e sua permanência na escola.

Dessa maneira, esse estudo foi desenvolvido buscando responder as seguintes questões:

- O ambiente escolar e ações pedagógicas estão estruturadas para desenvolver as potencialidades de um indivíduo com autismo?
- Há uma interação social dos alunos no ambiente escolar inclusivo?

Procurando responder as questões levantadas, objetivou-se analisar as ações pedagógicas da sala de aula e da sala de recursos que contribuem para interação social de alunos com autismo, incluso em uma escola da rede pública do DF; e assim conhecer o ambiente de aprendizagem dos alunos; identificar os intercâmbios sociais dos alunos com autismo em sala de aula e também na sala de recursos; evidenciar as ações pedagógicas no âmbito escolar que contribuem para aprendizagem dos alunos com autismo; e definir estratégias pedagógicas que colaborem com os professores regentes e favoreçam ao aluno com autismo sua interação no cotidiano escolar;

Para alcançar os objetivos elencados, realizou-se uma pesquisa em uma escola pública de Santa Maria, Distrito Federal com três professores atuantes nas séries finais do Ensino Fundamental, sendo dois regentes em sala de aula e um atuante na sala de recursos. Para coleta de dados realizou-se uma observação direta e a aplicação de uma entrevista semi-estruturada. Os dados coletados foram submetidos a uma análise qualitativa.

Essa pesquisa está estruturada em quatro capítulos. Segue-se a essa apresentação, o primeiro capítulo dedicado a fundamentação teórica que está organizada em três categorias: a primeira abordará um breve histórico referente à inclusão escolar, estabelecendo os aspectos legais e os conceitos sobre o autismo. A segunda o reconhecimento do currículo e a interação dele na comunicação professor aluno, a formação docente e as práticas pedagógicas inclusivas e na terceira a apresentação de algumas estratégias pedagógicas de construção do elo entre o autista e mundo social ao seu redor.

No segundo capítulo, apresentam-se os objetivos do estudo e posteriormente no terceiro capítulo, insere-se a descrição e discussão da pesquisa empírica. No quarto capítulo, são apresentadas a análise e discussão das informações construídas na pesquisa, por meio da análise qualitativa obtida com os instrumentos de pesquisa. Por fim, são apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas no estudo.

I- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Inclusão

A inclusão se dá quando pessoas com necessidades especiais são inseridas no ensino regular, e através dessa interação com outras pessoas que não são seus familiares, o indivíduo passa a ter uma vida em sociedade podendo desenvolver seu potencial cognitivo e social que muitas vezes fica restringida por falta de informação dos próprios familiares. Ao longo de sua trajetória ela trás contestações e embates onde se formulou vários conceitos e interpretações segundo os documentos de seus articuladores e defensores, com avanços e conquistas singulares a cada trecho histórico.

Considerando a diversidade textual algumas vezes os conceitos perfazem definições contraditórias devido à perspectiva estudada. Dessa maneira para o contexto estudado emprega-se a definição estabelecida na Resolução n. 2, de 11/09/2001 instituída pelas Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica, que indica inclusão é: “A garantia do acesso continuado ao espaço comum de vida em sociedade, em uma sociedade orientada por relações de equidade de oportunidades desenvolvimentais, em todas as dimensões de vida.”

Inserido nesse conceito a escola deve se mobilizar para oferecer condições educacionais que beneficiem o desenvolvimento de todos os educandos, fazendo com que “a inclusão seja compreendida como um complexo e continuado processo em que novas necessidades e mudanças são exigidas.” (COELHO, 2010, p.56) dessa forma é imperativo conceber significados as práticas inclusivas e entre outros fatores é preciso conhecer suas nuances e seus aspectos legais.

1.1 Aspectos legais

A Inclusão tem sido um assunto muito discutido em âmbito nacional e internacional em fóruns, conferência e congressos. Há uma constante preocupação de autoridades políticas, educadores e outros segmentos sociais em incluir e fazer valer os direitos das pessoas com “necessidades especiais”.

O atendimento específico às pessoas com necessidade especiais é chamado de Educação Especial. Temos por base a Constituição Federal (1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº. 9.394/96) e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1984), leis que estabelecem que a educação pública seja direito de todos e deve ser garantido o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência.

Segundo as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001), a Educação Especial é uma modalidade da educação escolar; processo educacional definido em uma proposta pedagógica, assegurando um conjunto de recursos e serviços educacionais especializados, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar; e, em alguns, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica.

De acordo com as “Recomendações para a construção de escolas inclusivas” da série: Saberes e práticas da inclusão (2005), a nova LDB define educação especial, como sendo uma modalidade de educação escolar, voltada para a formação do indivíduo, com vistas ao exercício de cidadania. Como elemento integrante e distinto do sistema educacional, realiza-se transversalmente, em todos os níveis de ensino, nas instituições escolares; cujo projeto, organização e prática pedagógica devem respeitar a diversidade dos alunos, a exigir diferenciações nos atos pedagógicos que contemplem as necessidades educacionais de todos. Os serviços educacionais especiais, embora diferenciados, não podem desenvolver-se

soladamente, mas devem fazer parte de uma estratégia global de educação e visar suas finalidades gerais.

Essa educação visa à promoção e desenvolvimento de pessoas com necessidades educacionais especiais, abrangem os diferentes níveis de educação e ensino – educação básica e superior (Parecer CNE/CEB Nº. 17/2001) – fundamenta-se em referenciais teóricos e práticos tem por base:

- Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº. 4.024/61), que recomenda integrar no sistema geral de ensino a educação de excepcionais, como eram chamadas na época, as pessoas com deficiências;
- A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1984), que assegura o direito de todos à educação;
- Lei N. 7.853/89: Que cria a Coordenadoria Nacional Para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE) define os crimes de violação dos direitos do segmento.
- A Carta de Jomtien, Tailândia (1990), que é a matriz da política educacional de inclusão;
- Estatuto da Criança e do Adolescente (1990): assegura proteção integral à criança e ao adolescente, considerando o direito à vida, à saúde, à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer (sem distinção);
- A Declaração de Salamanca, Espanha (julho de 1994), sobre o tema Necessidades Educativas Especiais: o acesso à qualidade, que traz importante contribuição no que diz respeito à Educação Especial;
- Lei N. 9.045/95: autoriza os Ministérios da Educação e da Cultura a disciplinar a reprodução, pelas editoras, de obras em Braille, de uso exclusivo de pessoas com deficiência visual;
- Lei de Diretrizes e Bases (Lei n. 9.394/96), que assegura aos educandos com necessidades especiais uma “plena assistência”, em todo e qualquer estabelecimento de ensino;
- Diretrizes Nacionais de Educação Especial na Educação Básica (2001), as quais determinam que as escolas se organizem para o atendimento,

nas classes comuns, através da elaboração de projetos pedagógicos de acordo com a política de inclusão;

Essas referências legais demonstram o processo de debates que constituiu e instituiu a educação inclusiva em nosso país, que avança de maneira vagarosa com avanços e recuos devido aos progressos históricos e sociais de cada tempo. Dessa maneira como coloca Carvalho, (2010, p. 72) o processo inclusivo “tem as características de dinamismo, flexibilidade e temporalidade. Sob este aspecto há que se considerar que as transformações são lentas e sofridas e que não vão ocorrer num estalo de dedos, nem da noite para o dia.”

Coaduna-se com esses conceitos Mrech (1999) apud Prioste, Raiça e Machado, (2006, p.17) que coloca “Educação Especial e educação inclusiva são vistas como paradigmas, isto é, como modelos de conhecimentos socialmente aceitos em determinada época.”

A partir dos anos de 1980, muitos alunos começam a ser integrados em classes regulares, sendo que esse movimento ganhou ímpeto no início da década de 1990, onde houve o vínculo do movimento inclusivo com a reforma geral de educação. Conquistando legalmente o direito de todos sem distinção de cor, raça, ou necessidade específica de ser atendido e receber instrução no ensino regular de classes comum. (STAINBACK e STAINBACK, 1999; MAZZOTTA, 2003)

Atualmente a inclusão segue rumo à inserção de todos na escola em busca de promover a efetiva aprendizagem, pois incluir não é somente inserir o aluno na escola, mas é conhecer suas necessidades para que a construção do conhecimento aconteça realmente.

Relacionando os aspectos legais a efetivação da inclusão Coelho, (210, p.58) alerta:

Nesse conjunto de aspectos, as questões legais aparecem como suporte orientador e indutor de mudanças, mas não como garantia da inclusão, já que por si só, leis não garantem mudanças e também não se constituem como condições imprescindíveis para que as mudanças ocorram. compreende-se que a legislação não deveria ser a primeira etapa do processo, pois deveria ser construída a partir do amplo debate e dos

resultados que fossem sendo conseguidos, ou seja, um processo de construção legislativa que equilibrasse orientações[...].

Ampliando o debate Mantoan (2007) evidencia que mudar a escola é uma árdua empreitada que exige que se coloque a aprendizagem como base, pois ela foi constituída para que todos aprendam; garantir tempo e condições para que todos possam aprender de acordo suas peculiaridades; assegurando o Atendimento Educacional Especializado, preferencialmente na própria escola comum da rede regular; instituindo espaços de comunicação, colaboração, solidariedade entre todos da comunidade escolar; e incitando, capacitando continuamente e valorizando o professor, que é o responsável pela tarefa fundamental da escola aprendizagem dos alunos.

Dentro desse estudo é preciso lembrar como ressalta Carvalho, (2010, p.221) “a política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e a legislação educacional vigente no país garantem à pessoa com autismo o direito à educação e à inclusão escolar [...]”

1.2 Conhecendo o autismo

De acordo com a definição da Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação, condutas típicas são manifestações de comportamento típicas de portadores de síndromes e quadros psicológicos, neurológicos ou psiquiátricos que ocasionam atrasos no desenvolvimento e prejuízos no relacionamento social, em grau que requeira atendimento educacional especializado. (BRASIL, 2001)

Uma das Condutas Típicas mais conhecidas é o Autismo que segundo Almeida (2004), é um transtorno invasivo de desenvolvimento, que abrange várias áreas da pessoa: comunicação, interação social, pensamento. Não pode ser definida simplesmente como uma forma de retardo mental, a palavra autismo atualmente pode ser associada a diversas síndromes que chamamos de espectros de transtornos autísticos, cujos sintomas variam amplamente.

Fazendo uma cronologia na evolução histórica da atenção educativa aos alunos com autismos Rivière (2004) a partir da definição feita Kanner, em 1943, que definia que “*é autista aquela pessoa para a qual as outras pessoas são opacas e imprevisíveis, aquela pessoa que vive como ausentes - mentalmente ausentes- as*

peças presentes, e que por tudo isso, se sente incompetente para regular e controlar sua conduta por meio da comunicação.” (p.234, grifo do autor)

Considerando como as características especiais do autista três aspectos: as relações sociais; a comunicação e a linguagem e a insistência em não variar o ambiente.

Historicamente procederam-se outros estudos e o autor conceitua três importantes momentos para conhecer a formação conceitual do autismo. Nos primeiros 20 anos de estudo de 1943 a 1963 o autismo era considerado essencialmente um transtorno emocional onde os pais eram os principais responsáveis pela trágica alteração de seus filhos. No segundo momento de 1963 a 1983 ampliaram-se as pesquisas empíricas sobre o tema e ele passa a ser associado a transtornos neurobiológicos enfocando as alterações cognitivas mais do que as afetivas. Fato que motivou a criação de escolas dedicadas especialmente ao autismo e também novas escolas dedicadas especificamente ao autismo e também novos procedimentos de modificação de conduta para ajudar as pessoas autistas a se desenvolverem. (REVIERE, 2004)

Atualmente o autismo é considerado um transtorno do desenvolvimento. Assim se “o autismo supõe um desvio qualitativo importante da evolução normal, é preciso compreender tal desenvolvimento para entender em profundidade o que é o autismo.” (REVIERE, 2004, p.236)

O autor argumenta ainda que nos processos para tratar o autismo também houve transformações significantes, inclusive no trato relacionado à educação que se tornou mais centrado na comunicação com o núcleo essencial do desenvolvimento, mais respeitoso com os recursos e as capacidades das pessoas autistas.

Nessa perspectiva o autismo é conceituado como um transtorno global do desenvolvimento “caracterizado por um desenvolvimento anormal ou alterado, manifestado antes dos três anos, e apresenta uma perturbação característica do funcionamento em cada um dos três domínios: interações sociais, comunicação, e comportamento focalizado e repetitivo” (BRASÍLIA, 2010, p. 29)

O autismo encontra amplos problemas para ser diagnosticado e é qualificado por gerar um comprometimento relevante no uso de diversos procedimentos não-verbais, tais como: relação visual direto, demonstração facial, atitudes corporais e sinais para adequado a interação social, e relevante fracasso em desenvolver capacidades de conversação adequadas ao nível de desenvolvimento aguardado. “Isso porque a pessoa com autismo apresenta uma falta de disposição para compartilhar prazeres, interesses ou realizações com outras pessoas, bem como não apresenta reciprocidade social ou emocional.” (BRASÍLIA, 2010, p. 29)

Nessa perspectiva é importante construir um currículo adaptado as suas necessidades e especificidades, pois somente assim a escola cumprirá realmente seu papel inclusivo.

2. Construindo um currículo real

O debate em torno das demandas curriculares emerge sempre para uma perspectiva de atender a realidade da instituição escolar e de seus alunos, quando concebido segundo o conceito de Coll (1996),

O currículo é um elo entre a declaração de princípios gerais e sua tradução operacional, entre a teoria educacional e a prática pedagogicamente, entre o planejamento e a ação, entre o prescrito e o que realmente suceda nas salas de aula [...] currículo é o projeto que preside as atividades educativas escolares, define suas intenções e proporciona guias de ação adequadas e úteis para os professores que são diretamente responsáveis por sua execução. Para isso o currículo proporciona informações concretas sobre o que ensinar, quando ensinar, como ensinar e como e quando avaliar. (p. 33).

Uma escola inclusiva, ou escolas de boa qualidade para todos, implicam a igualdade de oportunidades de aprender e de participar. Portanto, o currículo deve ser apropriado, segundo as necessidades de cada aluno. Para o autista é importante primeiramente fazer uma avaliação para conhecer quais as capacidades que cada aluno precisa alcançar, pois ele deve desenvolver competências fundamentais, motoras e acadêmicas. (CARVALHO, 2010; CUNHA, 2009). “O autismo requer do sistema educacional duas coisas importantes: diversidade e personalização.” (REVIERE, 2004, p.248)

Focando nesse contexto Cunha, (2009, p. 61) acrescenta que por meio da convivência na escola e do currículo que abra aspectos sociais, o aluno poderá descobrir:

- que as pessoas ao seu redor são importantes;
- os valores de amizade;
- o afeto, o carinho e o amor;
- as regras sociais que ajudam a memorização;
- o convívio com outras crianças;
- as rotinas diárias que ajudarão sua independência e autonomia;
- a importância de compartilhar sentimentos e interesses;

No mais o professor precisa privilegiar a atenção e concentração no processo de ensino aprendizagem necessidades peculiares não somente ao autista mais a todos os alunos.

Referente às adaptações curriculares, segundo Carvalho, (2010, p.103) tanto os parâmetros curriculares, quando os currículos da escola precisam:

- ser abertos e flexíveis para possíveis modificações;
- permitir análises sob os aspectos filosóficos-ideológico, antropológicos, sociológicos, psicológicos, epistemológico e pedagógico;
- contemplar a aprendizagem significativa, a memorização compreensiva e a funcionalidade do aprendido;
- estimular, no aluno, o aprender a aprender e o saber pensar;
- incluir todos os aspectos da realidade (fatos, conceitos, procedimentos, normas, valores, aptidão);
- Abster-se de propor apenas um método;
- prever um conjunto de ações de avaliações (não apenas as do aluno).

Adaptar currículos para todos os alunos é uma tarefa muito difícil, mas é uma obrigação que se estabelece. E não se trata apenas de pensar nos alunos com necessidades educacionais especiais e que estejam nas classes regulares. “Repensar o currículo e as metodologias utilizadas é da maior urgência para evitar os elevados e inaceitáveis índices de fracasso escolar com que temos convivido.”(CARVALHO, 2010, p. 113)

2.1 Comunicação professor-aluno

A imaginação é importante nos estágios da aprendizagem, pois envolve brincadeiras que projetam futuros papéis sociais. Na educação, é relevante que os comandos sejam diretos, as palavras e as frases possuam objetivos claros. É importante, para o funcionamento social da linguagem, que o significado da palavra seja percebido antes do seu uso, por meio da codificação simbólica de experiências. Toda a postura do professor é de extrema importância para canalizar a concentração do educando nas tarefas que construirão habilidades.

Os períodos de trabalho com o aprendente autista não devem ser extensos, mas em pequenas etapas, com tarefas curtas, pois as tarefas longas dificultam a concentração, tornando a distração recorrente. Mesmo que seja necessária a repetição por diversas vezes de algum exercício, o professor deverá ter cuidado de não enfadar seu aluno. O professor será de vital importância para o seu desenvolvimento psicomotor no espaço escolar.

Materiais pedagógicos que estimulem o raciocínio e os movimentos são excelentes recursos para o aperfeiçoamento motor fino. Atividades lúdicas de educação física que explorem o equilíbrio, o manejo de objetos e os exercícios com o corpo, onde os membros superiores e inferiores se alternem coordenadamente em movimentos orientados, ajudam qualquer criança a adquirir uma boa coordenação motora global.

A atitude da educadora valorizando os alunos com os recursos de ensino-aprendizagem e reconhecendo que o processo de aprender, além de individual, (ninguém aprende pelo outro), é, em grande medida, um processo social, contribuiu para a melhoria de sua prática pedagógica, permitindo-lhe ousar com as estratégias mais modernas e mais condizentes com o interesse e as necessidades dos aprendizes. Isto é, permitiu-lhe desenvolver o trabalho na diversidade em sala de aula porque ela, primeiramente, considerou e reconheceu a diferença. (CARVALHO, 2010, p. 68)

Possibilitar uma convivência social saudável deverá ser sempre um dos principais objetivos do educador. Isto significa que, mesmo que sejam imprescindíveis atividades isoladas na sala de recursos – e sabemos que elas são imprescindíveis - o aluno com autismo jamais poderá estar privado da interação com os outros e de aprender em grupo. Que medida pedagógica pode levantar para

interagir o autista no meio social? Sempre que possível, o tempo com os demais alunos deverá ser acrescido e nunca diminuído, porque a sua autonomia e a interação social são importantes ganhos que ajudam o desenvolvimento pessoal, interpessoal e cognitivo. Como avaliar os ganhos cognitivos e sociais adquiridos por esses alunos?

Quando falamos em autonomia, lembramos que a criança concede independência nas mais ações do cotidiano como: despir ou vestir, dobrar, guardar, saber usar ferramentas, talheres e utensílios para refeição. Tudo isto consiste em uma conquista considerável, pois faz com que a criança adquira um estado de independência. Esta autonomia se estende à escola no âmbito pedagógico, a criança ou adolescente autista tem dificuldades em realizar tarefas simples na sua vida diária, com isso é importante ensinar habilidades básicas e corriqueiras.

O professor deve estimular a capacidade de concentração durante as tarefas, pois existe um déficit de atenção muito grande, devido às dificuldades de comunicação. A escola deve promover espaços adequados e promissores para o desenvolvimento dos alunos Autistas? Quais as suas dificuldades em sala de aula?

Em sala de recursos as atividades devem ser exploradas de maneira natural com estímulos e o material pedagógico deve ser trabalhado de maneira que possibilite habilidades, para que sua aprendizagem seja refinada para que ele atinja as elaborações cognitivas e motoras mais refinadas do conhecimento. As salas de Recurso estão equipadas de maneira satisfatória para atender os alunos Autistas?

II – OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar as ações pedagógicas da sala de aula e da sala de recursos que contribuem para interação social de alunos com autismo, inclusos em uma escola da rede pública do DF.

2.2 Objetivos específicos

- Conhecer o ambiente de aprendizagem dos alunos;
- Identificar os intercâmbios sociais dos alunos com autismo em sala de aula e também na sala de recursos;
- Evidenciar as ações pedagógicas no âmbito escolar que contribuem para aprendizagem dos alunos com autismo;
- Definir estratégias pedagógicas que colaborem com os professores regentes e favoreçam ao aluno com autismo sua interação no cotidiano escolar;

III- METODOLOGIA

3.1. Fundamentação Teórica da Metodologia

A pesquisa desenvolvida foi de natureza qualitativa, utilizando-se a observação e uma entrevista individual e semi estruturada aos professores que trabalham com duas turmas inclusivas com alunos autistas do Ensino Fundamental público do DF em séries finais. De acordo os teóricos como Maciel e Raposo (2010), a pesquisa qualitativa “não exige a definição de hipóteses formais. [...] são momentos dos pensamentos do investigador comprometido com o curso da investigação, as quais estão em constante desenvolvimento.” (p.82)

Tendo esse enfoque qualitativo ainda segundo Neves (1996), o foco de interesse da pesquisa é mais vasto e utiliza de uma perspectiva distinta dos usos métricos, perpetrando parte dela a obtenção de dados descritivos mediante relação direta e interativa do pesquisador com o objeto de estudo.

A partir da perspectiva dos participantes da situação pesquisada, buscou-se o entendimento da interação social dos alunos com autismo no cotidiano escolar focalizando a investigação para as práticas pedagógicas utilizadas, ou seja, houve uma investigação detalhada do ambiente, sujeitos e das situações particulares peculiares em uma abordagem qualitativa.

3.2. Contexto da Pesquisa

Os dados foram construídos em uma instituição que atende alunos do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio com turmas inclusivas atendendo vários tipos de ANEEs: deficiência mental, baixa visão, autistas, síndrome de down. . No turno matutino frequentam os alunos do ensino Médio e no vespertino os alunos do

Ensino Fundamental. A escola possui sala de recursos com professores especialistas que atendem os alunos no turno contrário.

A pesquisa tem como objetivo analisar as ações pedagógicas da sala de aula e da sala de recursos que contribuem para interação social de alunos com autismo, inclusos, trazendo sugestões e propostas sobre como gerar a sua efetiva integração ao contexto social e de vivência no ambiente escolar.

3.3. Participantes

Os participantes envolvidos nessa pesquisa são três professores que trabalham com alunos da educação inclusiva séries finais, sendo que dois trabalham diretamente na sala de aula e um desenvolve o trabalho na sala de recurso. Eles estão numa faixa etária de 30 a 50 anos, todos apresentam formação superior concluída. Os professores desta amostra de participantes são três professores que trabalham nas séries finais licenciados em suas respectivas áreas sendo 100% com especialização. Será realizada pesquisa com entrevista qualitativa semi-aberta, e a partir daí fazer as preposições de idéias e fatos que elucidem os objetivos propostos.

Quadro 1 (Participantes/ Nomes fictícios)

Nome	Graduação	Atuação: Séries/anos iniciais Séries/anos finais
Maria	Matemática/Especialização	Regente
Pedro	Ciências/Especialização	Regente
Vilma	Psicopedagoga/Mestrado	Atendente sala de recursos

3.4. Materiais de Construção de Dados

Foram utilizados os seguintes materiais

-questionário e apontamentos decorrentes;

-celular com gravador;

3.5. Instrumentos de Construção de Dados

A pesquisa foi realizada em uma escola que faz parte da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, está localizada na Cidade de Santa Maria, atende alunos do Ensino Fundamental anos finais e ensino Médio no diurno. A análise terá base na coleta de dados através da observação direta e entrevista semi-estruturada proposta a três professores que trabalham com as turmas inclusivas do Ensino Fundamental, séries iniciais e finais.

3.6. Procedimentos de Construção de Dados

Com o objetivo de analisar as ações pedagógicas da sala de aula e da sala de recursos que contribuem para interação social de alunos com autismo, inclusos em uma escola da rede pública do DF, foi elaborada essa pesquisa e aplicada aos professores que trabalham diretamente com alunos autistas.

Os entrevistados foram comunicados e concordaram em fazer parte do projeto. A pesquisa foi realizada nas coordenações pedagógicas agendadas previamente com a devida colaboração da direção, coordenadores e supervisora pedagógica. Além de participarem da entrevista os entrevistados autorizaram a observação do cotidiano escolar durante 15 dias. Após a realização das entrevistas, todas as informações foram analisadas e transcritas na íntegra.

IV- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme mostra o quadro do perfil dos participantes, os professores estão com uma idade média de 31 a 50 anos, trabalham na SEDF a mais de 4 anos, possui graduação e especialização sendo um com mestrado, têm experiência com alunos inclusos em turmas regulares, mas não receberam preparação inicial específica aos alunos com necessidades educacionais especiais, no entanto a maioria já realizaram cursos de formação na área de educação inclusiva e também e especificamente para autistas.

Quadro 2 – Descrição do perfil dos participantes

Nome	Faixa etária	Tempo de trabalho na Carreira Magistério	Tempo de trabalho com alunos com necessidades educacionais especiais ou inclusos	Na sua formação inicial você recebeu alguma preparação para atuar com ANEE?
Maria	31 a 40 anos	16 a 25 anos	1 a 3 anos	Não
Pedro	41 a 50 anos	11 a 15 anos	1 a 3 anos	Não
Vilma	31 a 40 anos	4 a 6 anos	4 a 6 anos	Não

Em continuidade a análise e discussão dos dados da entrevista com o objetivo de analisar as ações pedagógicas da sala de aula e da sala de recursos que contribuem para interação social de alunos com autismo, inclusos em uma escola da rede pública do DF, feita através de uma pesquisa qualitativa à medida que as informações foram impetradas, o pesquisador transcreveu-as, interpretou e analisou os dados.

As transcrições das entrevistas semi-estruturadas foram feitas pelo próprio pesquisador, na íntegra, fato que contribuiu para uma análise mais competente dos dados a fim de desnudar a realidade pesquisada.

Assim inicialmente segue a descrição da pergunta em seguida as respostas dadas na íntegra por cada respondente e as análises correspondentes

➡ **Qual sua concepção de inclusão de maneira geral? E no caso específico do autismo?**

Maria: *“Acredito que incluir alguém passa por um ato de amor. Ter sensibilidade.”*

Pedro: *“É a forma de inserir um grupo de pessoas de maneira com que o ganho acadêmico e social seja de forma satisfatória e com real integração ao meio social. O autismo por suas características o ganho acadêmico e social deve ser de forma intensa.”*

Vilma: *“Penso ser a inclusão a forma mais justa de Educação para o ANEE. O autismo, por ser uma síndrome muito complexas, exige que o profissional esteja preparado para atendê-lo. Por isso, acredito ser uma das inclusões mais desafiadora.”*

Uma comprovação que surge da análise preliminar das respostas sobre a concepção de inclusão é que os docentes pesquisados possuem uma noção do conceito de inclusão, contudo encaram o processo inclusivo como ato de afeto e sensibilidade, ou seja, dessa forma não se percebe a obrigatoriedade de garantir a todos uma educação de igualdade e compromisso social.

[...] todas as crianças deveriam aprender juntas, independente de quaisquer dificuldades ou diferenças que possam ter. As escolas inclusivas devem reconhecer e responder as diversas necessidades de seus alunos, acomodando tanto estilos diferentes de aprendizagem assegurando uma educação de qualidade a todos, por meio de currículo apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com a comunidade [...] dentro das escolas inclusivas, as crianças com necessidades educacionais especiais deveriam receber qualquer apoio extra que possam precisar, para que lhes assegure uma educação efetiva [...] (UNESCO, 1994, p.75)

Como coloca Coelho (2010) as experiências educacionais inclusivas não podem ser frutos de receitas, listagens ou recomendações, mas que se norteie por uma ética para o outro, situada na relação entre os parceiros do contexto

compreendidos como sujeitos de seus processos de aprendizagem e desenvolvimento.

➡ ***Possui alguma formação na área de Educação especial/inclusiva? E com relação ao tema autismo?***

Maria: *“Não, não.”*

Pedro: *“sim.”*

Vilma: *“sim.”*

Em relação a formação continuada constata-se que a maioria dos professores possui uma capacitação falta de extrema importância no desenvolvimento do processo pedagógico, Feldmann, 2009 acrescenta que muitas são as variáveis dificultadoras da necessária mudança, e os professores, mesmo sensibilizados, sentem-se inseguros e receosos, pois não tiveram em sua formação a oportunidade de refletir sobre a diferenças diversidade ou necessidades educacionais especiais, condição agravada pela falta de suporte para apoiá-los, por isso a formação continuada é de extrema importância.é através de capacitação que o professor inicia seu processo de reflexão sobre a necessidade de inserir todos os alunos no ensino regular.

Em seus estudos sobre docência no contexto da educação inclusiva Andrade (2006, p. 107) acrescenta “os educadores são exigidas capacidade para inovações profissionais, com criatividade e adequações qualitativamente diferenciadas quanto ao ‘saber’ e ao ‘saber-fazer’ docente”.

➡ ***Como chegou a ser professor de turmas inclusivas?***

Maria: *“Trabalhava em uma escola inclusiva.”*

Pedro: *“Através do concurso da SEDF, pois precisei fazer o remanejamento e escolhi uma escola que possuía turmas inclusivas, assim não é nos perguntado se queremos ou não, simplesmente colocam os alunos nas salas e como somos*

concurados temos que trabalhar com os alunos inclusos que estiverem presentes”.

Vilma: *“Como optei pela sala de recursos, é meu papel trabalhar com essas turmas.”*

Analisando as respostas dadas pelos professores pesquisados percebe-se que nenhum deles foi preparado ou optou espontaneamente por trabalhar em turmas inclusivas, pois ingressaram no sistema e se envolveram no trabalho educativo com alunos inclusos. E também não são consultados sobre o tipo de aluno que ele está preparado para atender, também não são oferecidos um estudo prévio se o professor possui estrutura para desenvolver um bom trabalho com determinada especificidade.

Como ressalta Szabo, (2005) seria necessário que as escolas selecionassem criteriosamente os seus profissionais e os orientassem pedagogicamente para que planejem as atividades que devem ser desenvolvidas principalmente quando no grupo houver diferentes tipos de alunos especiais como os autistas, limítrofes, etc.

➡ ***Qual a avaliação você faz da prática pedagógica em relação ao trabalho com alunos autistas?***

Maria: *“Tenho sensibilidade, entretanto, não tenho conhecimentos apropriados, sinto-me angustiado por não conseguir fazer mais por esses alunos.”*

Pedro: *“A maneira prática para avaliar a prática pedagógica e desenvolver mecanismo de forma que a aprendizagem seja de forma prazeroso e que o aluno se sintá inserido no processo ensino – aprendizagem com todas as vantagens possíveis do sistema de ensino. Percebo que preciso sempre estar conhecendo o aluno e buscar uma forma de entrar no seu mundo.”*

Vilma: *“Avalio minha atuação de forma positiva, mas acredito poder melhorar a cada dia.”*

Observa-se que os professores preocupam-se com as intervenções apropriadas para atender plenamente os alunos inclusivos, fato positivo , pois realmente o objetivo da inclusão é proporcionar ao aluno aprendizagem e integração global ao sistema educativo.

Como coloca Carvalho (2010) a intervenção educacional tem apresentado impactos positivos na aprendizagem, no desenvolvimento na participação da pessoa com autismo. No entanto, há controvérsias quanto aos modelos, às técnicas e as alternativas mais apropriadas ao processo educativo.

Assim percebe-se que a insegurança dos docentes está respalda pela sua consciência de compromisso e qualidade educacional.

➡ ***Que especificidades este alunos apresentam em termos gerais? E em relação à aprendizagem?***

Maria: *“Apresenta muitas dificuldades de entrosamento, não se envolve nas atividades e muitas vezes ficam uma incógnita se eles estão presentes na sala de aula, digo mentalmente.”*

Pedro: *“No autismo o que se compromete é a comunicação. no entanto, a sua aprendizagem não é comprometida, mais deixa uma margem de dúvidas, pois é interessante que aconteça um feedback. E o aluno normalmente não faz e não demonstra se aprendeu ou não.”*

Vilma: *“Com relação à aprendizagem, observo que o conhecimento para o autista deve ser 100% concreto e 100% significativo para sua vida. Sobre sua especificidade (dentre outras características), observo a extrema sensibilidade sensorial, a dificuldade de se relacionar com os colegas, a dificuldade de se expressar espontaneamente, e uma forte tendência a dispersão.”*

Constata-se que o desenvolvimento do trabalho pedagógico com alunos autista é desafio contudo Carvalho (2010) alerta apesar dos obstáculos, é importante que o estudante ocupe o lugar que lhe é devido no contexto escolar. As peculiaridades desenvolvimentais do aluno manifestam-se na medida de sua inserção no contexto social, dando visibilidade às capacidades, bloqueios interpessoais e modos de relação com o ambiente. É importante ressaltar que essas instâncias participam do desenvolvimento das funções psicológicas e devem ser devidamente estudadas e discutidas sua superação, pois esse é o papel da escola e de uma organização pedagógica eficiente.

Esse fato evidencia a importância de investimentos na formação dos docentes e na estruturação de um espaço pedagógico reflexivo, pois as condições de comunicação não-verbal, limitadas, são indicadoras de risco quanto ao desenvolvimento intelectual, linguístico e da interação social. Competente à escola adequar para atender às habilidades e necessidades do estudante na classe comum, movimentando atos e técnicas diversificadas que, além do acesso, propicie condições de permanência exitosa no contexto escolar. O fato que muitos professores pensarem estar fazendo um trabalho inútil, pois percebem que muitos dos alunos não avançam na aprendizagem e não evoluem a contento.

Assim entre as principais medidas que garantem o sucesso da proposta está o estímulo para que as escolas elaborem sua proposta pedagógica, diagnosticando a demanda por atendimento especial; criação de um currículo que reflita o meio social; apoio à descentralização da gestão administrativa e oferta de transporte escolar para todos.

Segundo MANTOAN (2002,p 47),

[...] uma escola se distingue por um ensino de qualidade, capaz de formar dentro dos padrões requeridos por uma sociedade mais evoluída e humanitária, quando promove a interatividade entre os alunos, entre as disciplinas curriculares, entre a escola e seu entorno, entre as famílias e o projeto escolar. Definimos um ensino de qualidade a partir de critérios de trabalho pedagógico que implicam em formação de redes de saberes e de relações, que se enredam por caminhos imprevisíveis para chegar ao conhecimento.

Uma instituição de qualidade amplia seu projeto pedagógico centrado no aluno como estratégia de conservação e sucesso na escola garantindo a aprendizagem a todo, um projeto que invista na formação dos professores e profissionais da escola e desenvolva relações de colaboração com a sua comunidade induzindo mudanças positivas a partir do contexto da própria escola. Dessa forma, a gestão tem papel fundamental na promoção da educação de qualidade devendo estimular a participação das pessoas para a construção de uma rede de relações que se desenvolvem na família, no trabalho, nas escolas, nos movimentos sociais, capazes de sustentar a proposta de escola inclusiva, aberta para as trocas de conhecimentos e provocando uma mudança coletiva na maneira de pensar e agir.

➡ **Que serviço de apoio você recebe? Eles auxiliam as suas ações pedagógicas. Exemplifique?**

Maria: *“Relação de alunos. Há um trabalho da sala de recursos de tentar nos ajudar a compreender esses alunos, no início do ano fizemos a adequação curricular para cada um.”*

Pedro: *“Muito pouco ou quase nada. Os recursos que utilizo são construídos de forma satisfatória para facilitar a forma de aprendizagem.”*

Vilma: *“Utilizo informações e orientações de cursos que já fiz e leio bibliografias sobre o assunto.”*

No que tange a questão de abarcar o apoio pedagógico de profissionais especializados percebe-se que os respondentes estão divididos entre ter ou não essa ajuda. Sabe-se que o acompanhamento é feito normalmente em horário contrário, portanto as vezes o professor não considere significativo.

➡ **Como configurar o planejamento pedagógico destas turmas? Quais são os objetivos para estes alunos?**

Maria: *“Nas reuniões pedagógicas da escola. Socializar alunos com necessidade especiais.”*

Pedro: *“O planejamento é trabalhado de acordo com a adequação curricular proposta pelo professor regente. Os objetivos proposto é desenvolvido de forma com que haja mecanismo de aprendizagem, ou seja, buscar formas de aprendizagem para facilitar a fixação de conteúdo.”*

Vilma: *“O planejamento é feito para atender as necessidades do aluno. (recurso).”*

A reestruturação do ensino seja no fundamental ou no especializado faz se necessário urgentemente. Pois o processo de inclusão só ocorrerá de fato quando ocorrer à conscientização dos profissionais da educação e da sociedade de que

portadores de necessidades especiais não são somente as pessoas que sofreu alguma lesão. Mais sim, todas as pessoas que têm certa deficiência irreversível, e necessite de um olhar diferenciado pelo professor. A sala de aula é composta de variadas culturas e com nível diferenciado de aprendizado que a escola tem que respeitar e trabalhar de forma diferenciada

➡ ***Como constrói as estratégias utilizadas em sala de aula? Qual o principal objetivo destas estratégias?***

Maria: *“Através da adequação curricular. Desenvolver as competências e habilidades mínimas da disciplina.”*

Pedro: *“Desenvolver no aluno estratégias de aprendizagem.”*

Vilma: *“As estratégias são utilizadas para se alcançar determinados objetivos.”*

Camacho (2003, p. 9) chama a atenção para o fato de que as mudanças têm o propósito

Estabelecer um tipo de escola capaz de adaptar-se, acolher e cultivar as diferenças como um elemento de valor positivo, e a abertura de um espaço pluralista e multicultural, no qual se mesclam as cores, os gêneros, as capacidades, permitindo assim o acesso a uma escola, uma educação, na qual todos, sem exclusão, encontrem uma resposta educativa de acordo com as suas necessidades e características peculiares.

Em seus estudos Carvalho complementa essa discussão estabelecendo algumas recomendações aos educadores para proporcionar um ambiente favorável a pessoas com autismo:

- Aplicar diversidade de abordagens e intervenções.
- Ampliar informações acerca do autismo.
- Promover ao aluno assistência individualizada.
- Realizar o tratamento dos problemas orgânicos associados.
- Promover atendimento sistemático, amplo, contínuo e pervasivo.
- Propiciar atividade física. Além de outros benéficos, tem efeito comprovado para reduzir hiperatividade e autoagressão.
- Oferecer dicas visuais e concretas na comunicação com o aluno, minimizando ambigüidades e interpretações simbólicas.
- Associar a comunicação verbal a outras linguagens: comunicação por figuras e língua/linguagem de sinais.
- Reduzir estímulos sensoriais: barulhos, sons, cheiros, etc.
- Criar e compartilhar espaços de aceitação e inclusão social.
- Propiciar intervenção educativa e psicológica (análise Aplicada do Comportamento, Terapia Cognitivo-Comportamental e Psicopedagogia, dentre outros modelos de atendimento, tem revelado bons resultados).
- Aceitar o aluno, sem querer “normalizá-lo”.

- Estabelecer parceria com a família e constituir uma rede social de apoio. (CARVALHO, 2010, p. 227)

➡ ***Você acredita que a inclusão em turmas regular é o ideal para alunos autistas? Justifique sua resposta.***

Maria: *“Não. Porque em alguns casos os alunos são discriminados pelos outros*

Pedro: *“Sim, embora os autistas tiverem comprometimento na comunicação e no relacionamento a escola é o melhor lugar para desenvolver essas habilidades.*

Vilma: *“Depende do grau de comportamento psíquico motor em que o aluno se encontra. Após uma avaliação médica e pedagógica, em que os profissionais solicitem esse encaminhamento, cabe a escola se adaptar para tal função.*

Referencia com as respostas a realidade vivenciada por vários autores quanto ao debate da inclusão sabendo que há necessidade de avançarmos o nosso olhar em direção às relações que unem sujeito e contexto, continuaremos a buscar modos mais “refinados” de classificar da maneira mais precisa e correta àquilo que tende a não se encaixar em nossas classificações. (BAPTISTA, 2009). Contudo é direito de todos indistintamente uma escola de qualidade, independente de seu comprometimento.

V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta pesquisa conclui-se, portanto, que o processo de inclusão deve fazer parte da presente realidade social brasileira devido a continuar sendo um processo demorado onde se fizeram necessárias criações de inúmeras leis e uma modificação significativa de valores e atitudes no campo educacional para que a pessoa com necessidades especiais obtivesse seu espaço na sociedade. A aceitação das diferenças deve acontecer de forma a extinguir comportamentos discriminatórios e excludentes de nossa sociedade.

Profissionais da educação devem estar engajados em conhecer as necessidades especiais e aprimorar-se em fazer com que o alunado que necessite de um atendimento especial supere suas próprias limitações e obstáculos.

Faz-se necessária a formação continuada no tocante a estabelecimento de diálogo, sensibilização, orientação e articulação social - educativa de forma a enriquecer a prática da cidadania e principalmente o atendimento a casos mais específicos como o autista. Favorecendo uma relação equilibrada dividindo os deveres e responsabilidades entre família e escola em um momento em que a sociedade atravessa de mudanças aceleradas, onde valores e princípios tendem a perder-se.

Essa capacitação torna-se mais exigente nas especificidades do autismo que exige profissionais interessados em se comprometer com ele e buscar conhecer seu mundo e uma forma de se inserir nesse mundo para alcançar a possibilidade de fazer com que o autista desenvolva interações sociais e participe do grupo ou pelo menos seja aceito pelo grupo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. F. C. de O.. **Inclusão escolar do politicamente correto à ética do sujeito no campo da educação**. São Paulo: LEPSI, 2004.

BAPTISTA, Claudio Roberto. Educação Especial e o medo do outro: atento ai signalat!. In: BAPTISTA, Claudio Roberto.[et.al.].**Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas**

BRASIL, **Constituição da República Federal do Brasil**: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2002.

_____. LDB, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Senado Federal. Brasília 2006.

_____. **Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para Educação Especial na educação básica**/Secretaria da Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.

_____,PCN, **Parâmetros Curriculares Nacionais** - 1º a 4º Série - Introdução. MEC/SEF, 2001.

BRASÍLIA, **Orientação Pedagógica** - Educação Especial. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Brasília, 2010.

CAMACHO, O. T. Atenção à diversidade e educação especial. In: STOBAUS, C. D.; MOSQUERA, J.J. M.(Orgs.). Educação especial: em direção à educação inclusiva. Porto alegre: EDIPUCRS, 2003.

COELHO, Cristina M. Madeira. Inclusão escolar. In: MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane.(Orgs.)**Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília, 2010.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. Rio Janeiro: Wak Ed. ,2009.

ELDER CARVALHO, Rosita. **Escola inclusiva**: a reorganização do trabalho pedagógico. Porto Alegre: Mediação, 2010.

FELDMANN, Marina Graziela. **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

MACIEL, Diva Albuquerque; RAPOSO, Mírian Barbosa Tavares. Metodologia e construção do conhecimento: contribuições para o estudo da inclusão. In: MACIEL, Diva Albuquerque ; BARBATO, Silviane.(Orgs.)**Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília, 2010.

MANTOAN, Maria Tereza Egler . – **Caminhos Pedagógico da Inclusão**: Como

estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras. – São Paulo: Memnon 2002.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha. In: **Inclusão Escolar: Pontos e contrapontos**. Summus Editorial, São Paulo, 2007.

MAZZOTTA, Marcos José Siveira. **Educação especial no Brasil: História e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2003.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa – Características, usos e possibilidades**. Caderno de pesquisas em Administração, São Paulo, 1996.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, Willian. **Inclusão: Um guia para educadores**. porto alegre: Artmed, 1999.

RIVIÈRE, Ángel. O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento. In: COLL, César; ÁLVARO, Marchesi; PALACIOS, Jesus. **Desenvolvimento psicológico e educação** - Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais;3. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SZABO, Cleuza Barbosa. **Autismo: um mundo estranho**. São Paulo: EDICON, 2005.

APÊNDICES

A – Roteiro de entrevista

1. Sexo: () Masculino () Feminino
2. Faixa etária: () 20 a 30 anos () 41 a 50 anos
() 31 a 40 anos () Outra. Qual? _____
3. Escolaridade:
() Ensino Médio () Superior () Especialização () Mestrado
4. Tempo de trabalho na Carreira Magistério:
() Menos de 1 ano () De 1 a 5 anos () De 6 a 10 anos
() De 11 a 15 anos () De 16 a 25 anos () Mais de 25 anos
5. Tempo de trabalho com alunos com necessidades educacionais especiais ou inclusos:
() Menos de 1 ano () De 1 a 3 anos
() De 4 a 6 anos () Mais de 6 anos
6. Na sua formação inicial você recebeu alguma preparação para atuar com ANEE? () Sim () Não
7. Qual sua concepção de inclusão de maneira geral? E no caso específico do autismo?
8. Possui alguma formação na área de Educação especial/ Inclusiva? E com relação ao tema autismo?
9. Como chegou a ser professor das turmas inclusivas?
10. Qual avaliação você faz da sua prática pedagógica em relação ao trabalho com os alunos autistas?
11. Que especificidades estes alunos apresentam em termos gerais? E em relação a aprendizagem?
12. Que serviços de apoio você recebe? Eles auxiliam as suas ações pedagógicas? Exemplifique.
13. Como configura o planejamento pedagógico destas turmas? Quais são os objetivos para estes alunos?
14. Como constrói as estratégias utilizadas em sala de aula? Qual o principal objetivo destas estratégias?
15. Você acredita que a inclusão em turmas regular é o ideal para os alunos autistas? Justifique sua resposta.

ANEXOS

A. Carta de Apresentação



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – F__



UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

A (o) Diretor (a)

Escola....

De: Prof^a. Dra. Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Assunto: **Coleta de Dados para Monografia**

Senhor (a), Diretor (a),

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização da 1ª oferta do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do qual seis dentre as 20 turmas ofertadas são de professores e educadores da rede pública do DF (polos UAB-UNB de Santa Maria e Ceilândia). Finalizamos agora a 1ª fase do curso e estamos iniciando a Orientação de Monografia.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão do autista no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com colegas, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desses trabalhos tem como objetivo analisar as ações pedagógicas da sala de aula e da sala de recursos que contribuem para interação social de alunos com autismo, incluso em uma escola da rede pública do DF.

Informo que foi autorizado pela Secretaria de Educação por meio do ofício nº. DEM datado de 28/10/2010, a realização das coletas de dados para as pesquisas na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.

O trabalho será realizado pelo Professor/cursista Evaldo Alves da Silva sob orientação, Professor Lucia de Carvalho Brandão, cujo tema é: **OS DESAFIOS DO AUTISTA NO COTIDIANO ESCOLAR**

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos pelo e-mails: evaldo1706@gmail.com

Atenciosamente:

Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

B – Termo de Consentimento Livre e esclarecido



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores (as) Professores (as),

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UNB) e estou realizando um estudo sobre Dificuldades enfrentadas pelos professores na Educação Inclusiva. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades, com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores neste contexto de ensino.

Consta da pesquisa a aplicação de entrevista gravada em áudio aos professores da IE que trabalham com turmas inclusivas. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que esta participação é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o (a) senhor (a) poderá me contatar pelo telefone (61) 3901 6587. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão escolar. UAB – UnB

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____